

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOB O VIÉS PAULOFREIREANO: DIÁLOGOS E CONSTRUÇÕES FORMATIVAS POSSÍVEIS

Mifra Angélica Chaves da Costa <sup>1</sup>  
Maria Ghisleny de Paiva Brasil <sup>2</sup>  
Edna Lucia da Rocha Linhares <sup>3</sup>

## RESUMO

Os debates mundiais sobre a urgência de prezarmos pela sustentabilidade nos atravessa diariamente. Não é um assunto alheio, mas um tema que precisa estar em pauta em todos os segmentos da sociedade. Discutir e propor estratégias que viabilizem a conscientização e o cuidado com o meio ambiente de forma urgente, é nossa preocupação constante. Neste pensar, o objetivo central deste estudo é discutir sobre as questões ambientais do planeta e sustentabilidade sob o viés paulofreireano, a fim de compreender como a Educação Ambiental pode mitigar os problemas e intervenção humana. Os autores que ancoram esta pesquisa são: Freire (2011, 2013, 2015), Gadotti (2011) e Edgar Morin (2000). A metodologia versa sobre a abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. Percebemos que Paulo Freire apresenta nas suas obras discussões pertinentes sobre o cuidado com a natureza, animais, água. Ele tinha um olhar prospectivo de promover a sustentabilidade. Constatamos que a educação tem como compromisso social, ensinar indivíduos e atores sociais a desenvolverem atitudes mais conscientes nas crianças e adolescentes: preservando e conservando, evitando assim o desperdício, mitigando o consumo e o lixo exacerbados. A vida do planeta precisa ser prioridade, portanto a educação ambiental deve ser discutida em todos os componentes curriculares, esse tema transversal é primordial para buscarmos medidas mais efetivas.

**Palavras-chave:** Conscientização, Educação Ambiental, Paulo Freire, Planeta.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O problema ambiental, na maioria das vezes, é concebido como um debate trivial, mas é um tema que precisa estar em pauta em todos os âmbitos da nossa sociedade. Essa questão não é apenas discurso de ambientalistas, mas acima de tudo, um discurso educacional que deve estar em todos os níveis escolares, do ensino infantil à pós-

---

<sup>1</sup>Professor(a): Mestre, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - RN, [mifra@ufersa.edu.br](mailto:mifra@ufersa.edu.br)

<sup>2</sup> Professor(a): Doutora, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - RN, [maria.ghisleny@ufersa.edu.br](mailto:maria.ghisleny@ufersa.edu.br).

<sup>3</sup> Professor(a) Doutora, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - RN, [ednarocha@ufersa.edu.br](mailto:ednarocha@ufersa.edu.br).

graduação; pois é uma necessidade urgente de conscientização dos indivíduos, uma necessidade de relacionar a educação formal com as questões ambientais e a sustentabilidade.

Nossa pergunta de partida se configura em: será possível a Educação ser um dos caminhos viáveis para se pensar e solucionar os problemas ambientais? O objetivo principal deste escrito é discutir sobre as questões ambientais do planeta e sustentabilidade sob o viés paulofreireano, a fim de compreender como a Educação Ambiental pode mitigar os problemas e intervenção humana. O aporte teórico está embasado em: Freire (2011, 2013, 2015), Gadotti (2011) e Edgar Morin (2000). A metodologia é de abordagem qualitativa e bibliográfica.

Para Freire (2015) relata que a transformação social não está na escola, porém sem ela a transformação da sociedade não seria possível. Desta forma, compreendemos que nosso compromisso dentro e fora das escolas está em construirmos um novo projeto de sociedade, uma escola para além do capital. Pensemos na história que queremos construir, uma história, seja ela oral ou escrita, mas que conte a luta de um povo que tenta se libertar dos seus grilhões do capitalismo e neoliberalismo e defender a vida dos seres vivos e as reservas naturais do planeta.

Luta esta que, na medida em que denuncia estes entraves, anuncia a possibilidade de outro mundo (Souza, Pedruzzi e Schmidt, 2018). Um estudo sobre Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia de Dickmann e Carneiro (2012), relata que as contribuições de Paulo Freire, tem sentido e significado para a Educação Ambiental, possibilitam levantar algumas considerações indicativas referentes à formação inicial e continuada de educadores socioambientais; que essa formação permita a reflexão sobre a teoria e a prática pedagógicas, para a superação da dicotomia sociedade-natureza, visando a uma compreensão unitária de mundo e de vida no Planeta; ser um processo de formação que fomente vivências de diálogo e partilha de experiências, construção de outras práxis sócio-pedagógicas e de aprendizado mútuo, superando com essas vivências os limites e maximizando as potencialidades.

Ter-se presente nessa formação a realidade-ambiente concreta e cotidiana dos educandos, tanto local como global, na perspectiva de conexões complexas entre o tecido social (econômico, político, cultural, ético, tecnológico, etc.) e a teia do mundo natural

(dinâmicas ecológicas) e concebendo o mundo como um conjunto de relações históricas, construídas socialmente de forma dinâmica, dialética e interrelacional.

Nesse pensar, discutir e propor estratégias que viabilizem a conscientização e o cuidado com o meio ambiente de forma urgente, é uma preocupação constante e deve ser dialogada com o contexto educacional e na sociedade para reflexão com frutos promissores da prática da sustentabilidade.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Este artigo é uma pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001, p.22) “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Pretende-se, refletir e dialogar com os problemas sociais e ambientais existentes na sociedade contemporânea.

Essa pesquisa também se configura como pesquisa bibliográfica, de acordo com Lakatos (2017, p. 200) “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Realizamos as leituras das obras de Freire e de autores que corroboram com as suas ideias no Grupo de Pesquisa Colaborativa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e neste escrito provocamos uma discussão desses debates para o viés da Educação Ambiental, pois a cada dia se torna mais salutar nos debruçarmos e lutarmos por um mundo mais sustentável.

## **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO UMA PAUTA VITAL**

A pauta ambiental no âmbito mundial tem a sua proposição na Organização das Nações Unidas (ONU) que idealiza os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais nos convoca até 2030 a cumprir a Agenda no Brasil atendendo, os direitos de: fome zero e agricultura sustentável; água potável e saneamento; energia limpa e acessível; consumo e produção responsáveis; cidades e comunidades sustentáveis; ação contra a mudança global do clima; vida na água e vida terrestre.

Na legislação nacional temos como as principais leis que visam proteger o meio ambiente dos danos causados pela ação humana: Lei de Recursos Hídricos nº 9.433/97; a lei nº 9.605/98, a qual versa sobre os crimes ao meio ambiente; a Lei 11.445/07 que

instituiu a Política Nacional de Saneamento Básico; a Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos nº 12.365/10; o Novo Código Florestal Brasileiro nº 12.651/12 e, a mais recente, Lei nº 14.785, de 27 de dezembro de 2023, a qual dispõe sobre o descarte dos resíduos e das embalagens e determina a importância da fiscalização dos agrotóxicos.

Diante desse contexto, é relevante essas discussões ambientais e de sustentabilidade serem aquecidas. No campo educacional, destacamos a importância de nos dedicar à educação ambiental, a qual pode ser definida como: Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (MMA, 2015).

De acordo com Carvalho (2006) a educação ambiental tem assumido nos últimos anos o grande desafio de garantir a construção de uma sociedade sustentável, em que se promovam na relação com o planeta e seus recursos, valores éticos como cooperação, solidariedade, generosidade, tolerância, dignidade e respeito à diversidade.

Lima (2004) afirma que a escola é um espaço privilegiado para estabelecer conexões e informações, como uma das possibilidades para criar condições e alternativas que estimulem os alunos a terem concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente.

Lima Neto et al (2021) relata que ao analisar a Educação Ambiental nas instituições públicas, reporta são necessárias melhorias nas formas de ensino, elaboração de projetos que estimulem e incentivem os alunos a praticarem a conservação do meio; e que é necessário contar também com o auxílio de órgãos públicos para a realização de atividades de campo e nas ações ambientais; e que o presente trabalho promoveu, mesmo indiretamente, conhecimento do tema abordado. Nos instigou a pensar, refletir e até mesmo buscar pesquisar sobre o assunto e sua relevância.

Segundo Pitano e Noal (2009), em um estudo sobre horizontes de diálogo em educação ambiental sobre as contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire, relatam que essa é uma tarefa que cabe ao processo educativo, seja escolar, familiar, formal ou não-formal. Vimos que, através da Educação “Problematizadora”, Freire estabelece princípios com o fito de romper com as injustiças sociais, historicamente

construídas concomitantemente à evolução tecnológica e forçosamente apartadas de seu vínculo com as questões ambientais. Essa perspectiva educacional, estrutura e fomenta a capacidade de luta e de indignação do oprimido em qualquer contexto, metas audaciosas que sugerem questionar em que medida podem ser alcançadas. A educação possui uma dimensão política que pretende, ao prover o indivíduo de condições intelectuais autônomas, despertar a perspectiva de reconhecer-se como sujeito ativo do todo, que é a sociedade civil.

Nesse pensamento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) como um documento normativo que apresenta o conjunto de orientações sobre os conteúdos e aprendizagens fundamentais, aborda a Educação Ambiental, uma vez que é uma área do conhecimento transdisciplinar que deve possibilitar práticas educacionais que promovam a conscientização dos estudantes dentro das habilidades e competências essenciais de aprendizagem.

Na BNCC (Brasil, 2018), o tema aparece entre as competências gerais: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Percebemos que a educação ambiental está ligada ao ambiente. Diferente do que geralmente se imagina, isso significa pensar além do ambiente natural, porque o que é criado fora dele impacta o natural. A Educação ambiental consiste em tomar ações que são sustentáveis em todos os seus aspectos, até mesmo nas relações entre os humanos e entre estes e os demais seres vivos. Então, podemos pensar na alimentação, na locomoção e transporte, na ocupação dos espaços, na mudança da paisagem, nos materiais que escolhemos para usar na escola ou para reformar nossa casa. Tem uma profundidade neste tema que tem muito mais a ver com a formação do indivíduo, de como ele entende o mundo, se posiciona e age em relação ao meio ambiente do que simplesmente trazer conhecimentos do ambiente natural para a escola. É muito maior do que isso.

## **REFLEXÕES SOBRE UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS**

A pauta ambiental deve ser recorrente no chão da sala de aula. É urgente pensarmos e agirmos por uma educação cada vez mais comprometida em propor ações que façam os discentes e toda equipe escolar repensar a sua relação com o meio ambiente, seus impactos e projetar mudanças de atitudes. Cuidar do meio ambiente deve ser um compromisso diário que é para levar para a vida.

Inicialmente, devemos refletir enquanto ser humano e docente me envolvo com a natureza, incluindo animais, plantas e demais recursos naturais. Os ignoro ou contribuo nas pequenas atitudes sustentáveis? Tenho compromisso com as vidas do planeta e das futuras gerações? Para pensarmos nesse contato que estabelecemos com o meio ambiente desde a nossa existência, Freire (1982) destaca que:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (Freire, 1982, p.05)

É evidente o entrelace da vida de Freire (1982) com a natureza, sentimos o encanto, doçura, cuidado ao falar sobre as árvores, a sombra que ela proporciona e as brincadeiras nos galhos. Como essa vivência se edifica o cidadão que somos e queremos ser. Em concordância essa concepção Gadotti (2008, p.64) defende que:

Não aprendemos a amar a Terra apenas lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral. A experiência própria é fundamental. Plantar e seguir o crescimento de uma árvore ou de uma flor, caminhando pelas ruas da cidade ou aventurando-se numa floresta, sentindo o cantar dos pássaros nas manhãs ensolaradas, observando como o vento move as plantas, sentindo a areia quente de nossas praias, olhando para as estrelas numa noite escura. Há muitas formas de encantamento e de emoção frente às maravilhas que a natureza nos reserva.

Precisamos contemplar e nos envolver mais com o meio ambiente, voltar às nossas origens, raízes, afinal o ser humano precisa lembrar que ele também faz parte do meio ambiente. A nossa existência só faz sentido se (re)estabelecermos essa conexão. Voltar o nosso olhar, atenção para o que de fato importa. Como nos ensinou Freire (1982):

Sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das

folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (Freire, 1982, p.06)

Desde a infância até o último pulsar, o indivíduo deve apreciar e respeitar a natureza. Ele precisa ter essa experiência ao longo da vida, construir memórias não só com pessoas, mas com o ecossistema: tomar banho de chuva; plantar e regar uma planta, ser co-participantes na construção de um jardim e horta na sua casa e/ou escola; cuidar de animais, ir à bosques, parques ecológicos, ir à praia, tomar banho de mar, cachoeiras, à noite contemplar a lua e as estrelas, ser um militante em defesa da vida e dos recursos naturais do planeta.

Morin (2000, p. 76) afirma que “a consciência ecológica (...) reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometido do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra”. A família e a escola possuem papéis decisivos nessa construção de uma consciência ecológica, pois as vivências, problematizações, atividades, ações que são realizadas vão lapidando esse ser consciente e defensor da causa ambiental.

Para isso, Freire (2011) ressalta a importância de olharmos para o entorno das nossas escolas, para a comunidade, a fim de conhecermos os problemas ambientais daquele lugar, considerar os saberes, as vivências dos educandos e propormos soluções. Pensar como a relação que eu tenho com o meu meio? Qual a transformação que a educação pode está provocando para mudar essa realidade? Assim, Freire (2011) discute:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar da populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (Freire, 2011, p. 30)

Entendemos que, ainda que estejamos em um lugar em que eu não veja aqueles ecossistemas mais clássicos que estudamos preservados, podemos estar em um ecossistema que foi destruído para existir uma cidade. Precisamos que os alunos e os professores consigam estabelecer essas relações para olhar ao entorno e conseguir fazer conexões com o dia a dia. A dica é começar a olhar ao redor, porque o entorno da escola possivelmente tem questões ambientais que podem ser trabalhadas. O lixo que as pessoas jogam que vai parar em um rio ou outra fonte de água e que vai parar no oceano, o trânsito, a questão da exploração do agronegócio ou dos minerais e muitas outras atividades que

precisam ser exploradas como um motivo para discutir educação ambiental nessa perspectiva de ampliar as conversas e pensar nos impactos para além do que está acontecendo no local.

Freire (2011) nos atenta para a necessidade de trazermos para a sala de aula os problemas ambientais que os nossos educandos enfrentam em casa, na rua, no bairro e ele problematiza como nós, enquanto seres humanos, docentes, discentes, podemos reivindicar para que essa situação seja revertida.

Paramos no meio de um pontilhão estreito que possibilita a travessia da favela para uma parte menos maltratada do bairro popular. Olhávamos de cima um braço de rio poluído, sem vida, cuja lama, e não água, empapa os mocambos nela quase mergulhados. “Mais além dos mocambos”, me disse Denilson, “há algo pior: um grande aterro onde se faz o depósito do lixo público. Os moradores de toda esta redondeza ‘pesquisam’ no lixo o que comer, o que vestir, o que os mantenha vivos”. (Freire, 2011, p. 71)

Esse fato é questão de política pública, temos pautas ambientais como o autor menciona “Olhávamos de cima um braço de rio poluído, sem vida”, fica nítida nessa fala que o rio está sem vida pelo uso inadequado que a sociedade faz desse recurso natural.

E fica evidente que também tem problemas sociais, quando Freire (2011) revela que “um grande aterro onde se faz o depósito do lixo público. Os moradores de toda esta redondeza ‘pesquisam’ no lixo o que comer, o que vestir, o que os mantenha vivos”. Com a questão da fome, pobreza extrema, falta de moradia e de emprego faz o sujeito se submeter a condições insalubres, às quais põe em risco a sua própria vida, mas recorrem ao lixo como um lugar que busca comida e seu sustento. Precisam de políticas públicas que de fato assegurem que todos tenham um lar, comida e demais direitos.

Devemos colocar em pauta a questão ambiental em vários espaços sociais e, dentre eles, nas nossas escolas. Gadotti (2008, p.74) nos alerta que: “Educar para não ser omissos, indiferentes e nem coniventes com a destruição da vida em qualquer parte do planeta”. Não podemos realizar e nem ser cúmplices de práticas que destroem a natureza, como: consumo exacerbado, desperdício de água e energia, lixos, queimadas, desmatamento, os mais diversos tipos de poluição (atmosférica, hídrica, dos solos, sonora, visual...), e dentre outros danos, para beneficiar as empresas, agronegócios, que só tem como objetivo ceifar a vida humana e dos demais seres vivos, esgotando os recursos naturais e fortalecendo o sistema capitalista e neoliberal. A educação tem o compromisso de romper com essa situação e lutarmos pela consciência ecológica e com ações visíveis de defesa à vida e do planeta Terra.

## CONSIDERAÇÕES

Foi estruturado como objetivo central discutir sobre as questões ambientais do planeta e sustentabilidade sob o viés paulofreireano, a fim de compreender como a Educação Ambiental pode mitigar os problemas e intervenção humana. Percebemos que esse objetivo foi atingido quando relacionamos as ideias de Paulo Freire com o cotidiano escolar e a necessidade urgente de abordar sobre temas relacionados ao meio ambiente, sustentabilidade, consciência ecológica e atitudes sustentáveis.

Paulo Freire e outros autores que corroboram com sua concepção. Eles nos alertam para a relevância de problematizar o entorno dos nossos discentes identificando os problemas ambientais, discutirmos conceitos, nos incentivam a se reconectar com a natureza, desenvolver estratégias de cuidado com os animais, plantas e à vida de todo ecossistema.

Essas reflexões e discussões ambientais são caras para a nossa sociedade contemporânea que visam apenas o capital, o poder e o consumo inconsciente em detrimento do respeito e valorização à vida e recursos naturais existentes no nosso planeta. Precisamos rapidamente romper com essa lógica, e fazer com que as políticas públicas sejam cada vez mais efetivadas e que os nossos alunos, professores e toda comunidade se comprometam e lutem por um mundo mais sustentável.

Pretendemos ampliar e aprofundar nossos estudos e pesquisas sobre a importância da educação ambiental ser uma pauta interdisciplinar e transversal nas escolas do Brasil e que possamos transformar a realidade ambiental e social crítica que vivemos. Lutemos incansavelmente nas escolas, praças, ruas e todos os espaços sociais a favor dos nossos animais, florestas, solos, ar puro, mares, rios e por toda a biodiversidade existente. Toda vida e recurso natural importa!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências**, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. **Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos**. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Lei nº. 11.445, de 05 de janeiro de 2007. **Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico**. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Lei 12.305, de 02 de agosto de 2010. **Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 ago. 2010.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Institui o novo código florestal brasileiro**. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Lei nº 14.785, de 27 de dezembro de 2023. **Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem, a rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e das embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, de produtos de controle ambiental, de seus produtos técnicos e afins**. Brasília, DF, 2023.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/eecom/article/viewFile/403/259>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

DICKMANN, I.; Carneiro, S. M. M. **Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia**. Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 87-102, jan./abr. 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável** — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. — (Série Unifreire; 2)

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, W. Aprendizagem e classificação social: um desafio aos conceitos. Fórum Crítico da Educação. **Revista do ISEP/Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas**, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/eecom/article/viewFile/403/259>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LIMA NETO, F. F.; E. L. da R. L.; R. L. N. M.; R. L. M. de M. **PERCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM NÍVEIS EDUCACIONAIS DIFERENTES DOS ALUNOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICO: ESTUDO DE CASO**. XII Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Salvador/BA – 08 a 11/11/2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações sobre os municípios brasileiros**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/caraubas/panorama>. Acesso em: 05 mai. 2024.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Educação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

MORIN, Edgar, 1921 **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

SANDRO, de C. P; Rosa E. N. **Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean Jacques Rousseau e Paulo Freire**. Educação em Revista, | Belo Horizonte , v.25 , n.03, p.283-298, dez. 2009.



SOUZA, A. Q; P. A. das N; S. E. B. (2018). **Educação Ambiental e Paulo Freire: Anunciação de um Letramento Ambiental.** *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 4. <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.1009>